

**AÇÕES DO MUSEU DA INFÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA
EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO VIRTUAL COM CRIANÇAS DO COLÉGIO
UNESC**

**ACTIONS OF THE CHILDHOOD MUSEUM IN TIMES OF PANDEMIC: A VIRTUAL
MEDIATION EXPERIENCE WITH CHILDREN FROM UNESC SCHOOL**

Amalhene Baesso Reddig¹, Ana Maria Cambuzzi², Camila Villasuso³, Bárbara Sonai
Mendes⁴

RESUMO

O presente artigo é resultado de reflexão sobre ações desenvolvidas pelo Museu da Infância (MI) em tempos da pandemia disseminada pela Covid-19. Pensar as possibilidades de fazer chegar aos lares e escolas materiais virtuais que pudessem contribuir com a formação educacional de estudantes foi o ponto focal. Por mais que o momento se apresentasse difícil para todos, os professores buscaram inovar suas práticas educativas e a equipe do MI refletiu, planejou e desenvolveu atividades de interação e mediação a fim de contribuir com o processo educativo de crianças. Por se compreender que estar em isolamento social é diferente de ficar isolado, buscou-se a utilização de tecnologias virtuais para a interlocução entre estudantes, professores e pessoas interessadas em intercambiar ações museais. Assim foram elaborados pequenos vídeos, jogos e uma mediação virtual pelo serviço de comunicação *Google Meet*. O artigo começa caracterizando o processo inicial da pandemia na região circundante bem como o entendimento do significado de isolamento social e, na sequência, apresenta um pequeno histórico das tecnologias educacionais. Continua descrevendo o processo vivido pela equipe do MI para a elaboração de vídeos sobre como se brinca e se joga a Amarelinha e as Cinco Marias e relata a concepção de outras brincadeiras virtuais. Ao final, expõe a experiência de mediação virtual com crianças do 2.º ano da professora Juliana P. Guimarães, do Colégio UNESC, realizada em junho de 2020. No todo, o corpo da escrita tece uma compreensão sobre o processo de execução das ações museais, permeadas pelo episódio da pandemia, fundamentada em

¹ Mestre em Educação (UNESC), graduada em Pedagogia (UNESC) e Artes Visuais (UNIASSELVI). Professora Universitária em regime de tempo integral. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Arte (GPA) e do Grupo de Pesquisa em História da Educação (GRUPEHME). Coordenadora do Museu da Infância e do Setor Arte e Cultura – UNESC.

² Doutora em Educação (UFMG), Mestre em Educação (PUC-Rio) e graduada em Pedagogia (Unochapecó). Professora aposentada pela UFSJ. Participante do Grupo de Pesquisa em Arte (GPA) e colaboradora voluntária no Museu da Infância – UNESC.

³ Acadêmica do Curso de Design de Produto (UNESC) e da Licenciatura em Diseño Industrial (UNDAV). Intercambista argentina pelo programa de dupla titulação UNDAV – UNESC. Estagiária e mediadora do Museu da Infância – UNESC.

⁴ Acadêmica do Curso de Artes Visuais – Bacharelado (UNESC). Estagiária e mediadora do Museu da Infância – UNESC.

autores como Cechinel (2020), Dunker (2020), Peixoto (2020), Rodrigues (2020), Salgado (2016), Souza, Tamini e Santos (2020) e Torrezan (2020).

Palavras-chave: ensino; infância; mediação; museu; pandemia.

ABSTRACT

This article is a result of actions developed by the Museum of Childhood during the Covid-19 pandemic. It aimed to think about the possibilities of carrying virtual material, which could contribute to the educational training of students, to homes and schools. Even though this was a hard time for everyone, teachers worked to innovate their educational practices and the Museum team reflected, planned and developed interaction and mediation activities in order to contribute to the children's educational process. Because it is understood that being in social isolation is different from being isolated, the purpose was to use virtual technologies to promote dialogue between students, teachers and people interested in exchanging museum activities. Thus, short videos, games and a virtual mediation were developed throughout the communication service Google Meet. The article begins by characterizing the initial pandemic process in the surrounding region and focusing at understanding the meaning of social isolation; then presents a short history of educational technologies. It continues to describe the initial process of the museum team in the elaboration of videos and exposing how to play Amarelinha and Cinco Marias; also reports the conception of other virtual games. At the end, it exposes the experience of virtual mediation with a teacher Juliana P. Guimarães' 2nd grade children, from Colégio UNESC, held in June of 2020. The whole text is about the understanding of the process of implementing museal actions during the pandemic episode and it was based by authors like Cechinel, 2020; Dunker, 2020; Peixoto, 2020; Rodrigues, 2020; Salgado, 2016; Souza, Tamini and Santos, 2020 and Torrezan, 2020.

Key Words: teaching; childhood; mediation; museum; pandemic.

INTRODUÇÃO

Estávamos no outono e adentramos no inverno e na primavera de 2020 experienciando um momento inimaginável. A pandemia do novo vírus, cognominado de Coronavírus (Sars-Cov-2), assolava a humanidade com a triste doença inflamatória denominada de Covid-19. Tal contexto forçou o isolamento social, para tentar prevenir a disseminação do contágio viral. Esse processo pandêmico obrigou mudanças em diferentes instâncias sociais, econômicas, culturais e educacionais. O comércio foi forçado a fechar, o transporte público a paralisar, as instituições de ensino cerraram as portas e as aulas passaram a ser mediadas com o auxílio de tecnologias midiáticas.

Assim, nas escolas, os professores se viram impelidos a adaptarem suas aulas para um formato que se adequasse a novos processos de ensino-aprendizagem. Uma das mídias utilizadas para isso passou a ser a plataforma *Google Meet*, na qual os envolvidos podem entrar em uma sala virtual a partir do celular, *tablet* ou computador e interagir entre os participantes, promovendo comunicação entre professor(es), estudantes e também com suas famílias. O Museu da Infância (MI), museu universitário inaugurado em 2005, tem como um dos objetivos

planejar atividades para interagir com crianças em seu processo educativo. A entrada da pandemia obrigou todos a “ficarem em casa” e a equipe do MI, portanto, também teve de repensar suas atividades. Esta começou planejando e desenvolvendo pequenos vídeos e jogos e realizando uma mediação virtual via a já citada plataforma *Google Meet*.

Este artigo traz uma caracterização do processo inicial da pandemia, destacando o significado de isolamento social e uma aceção das tecnologias educacionais, descreve o processo vivido pela equipe do MI para a elaboração de vídeos sobre como se brinca e se joga a Amarelinha e as Cinco Marias e relata a concepção de outras brincadeiras virtuais. Ao fim, narra a experiência da mediação virtual com crianças do 2.º ano da professora Juliana Pereira Guimarães, do Colégio UNESC, desenvolvida com o auxílio de um *slide* que exibia a organização dos quatro núcleos do MI distribuídos por espaços da universidade. Por fim, com base no que foi tecido no todo do artigo, encaminha-se uma reflexão sobre o processo de execução das ações museais em tempos de pandemia ocasionada pela Covid-19.

Equilibrar-se no isolamento social

O que significa estar em isolamento social? Restringir-se do convívio entre pessoas, locais e coisas com que antes se estava habituado exige uma reorganização com o nosso eu. Além disso, requer um esforço físico e mental para permanecer em casa por um longo período de tempo. O corpo, habituado a movimentar-se, precisa se acomodar em termos de espaço, ainda que se possa fazer exercícios físicos e brincadeiras nos limites da casa de cada um. Carla Rodrigues (2020, p. 132), em *Os Fins do Luto*, na abertura da narrativa, escreve: “O confinamento pode ser comparado a um processo de luto, cada um tentando se equilibrar no seu isolamento, no medo, na tentativa de perder os mortos sem abandoná-los, nosso último e permanente gesto de amor”.

Da casa olha-se pelas janelas, para os objetos, brinquedos e abrem-se telas. A tela da televisão, a tela do celular e a tela do computador. A televisão e a internet mostram as notícias da pandemia, do que ela está provocando, das mortes em larga escala desde locais próximos até os mais distantes do Brasil, tanto ao serem observadas as notícias da América do Norte, da Europa, do Leste ou dos países a Oeste, na América Latina. Há divulgações das normas de segurança da Organização Mundial da Saúde (OMS), dos profissionais da medicina e dos pesquisadores sobre o avanço da Covid-19, das tomadas de decisões da administração governamental e há, ao mesmo tempo, análises controversas, como também a veiculação das *fakenews*, as notícias falsas, como “[...] uma cultura da sensação e do *déficit* de atenção,

caracterizada pela lógica da produção contínua de estímulos e pela espetacularização de si” (CECHINEL, 2020, p. 55).

Aqui cabe a observação crítica sobre o que é veiculado, sobre os estragos que as notícias midiáticas difundem em cada pessoa, seres vivos e aprendizes nesse meio real, contraditório e espetacularizado. O que é verdade e o que é mentira? Como as pessoas passaram a sentir-se diante das notícias que assolam a humanidade e calam fundo no ser de cada qual? Ver as notas de mortes, muitas mortes, deixa a todos amedrontados. Se o medo vai se alastrando e as emoções se alternando, por seu turno, existe a esperança, que surge ao se saber que diversas pessoas foram curadas e as pesquisas científicas começam a divulgar os avanços das vacinas que podem conter a disseminação do corona vírus. A esperança no ser humano consciencioso colocou a equipe do MI em movimento.

Dado um panorama do cenário que a quarentena e a Covid-19 trouxeram à tona, se há temor, existe também o impulso para a reflexão, enquanto pessoas ligadas a uma instituição de ensino e pesquisa. Nesse sentido, nos apoiamos no pensamento de Stephanie Borges (2020, p. 98): “Se queremos nos manter do lado da vida contra tanto desejo de morte, já não se trata apenas de saber quem são os mortos-vivos. Precisamos também pensar seriamente no tipo de futuro que queremos criar depois de passarmos por tudo isso”.

Na contemporaneidade tornou-se frequente o uso das tecnologias educacionais visando à formação cidadã dos estudantes; portanto, desde antes da invasão do vírus que trouxe a Covid-19 e toda a sua irrupção destrutiva, os segmentos sociais e a escola, de uma maneira geral, já utilizavam meios midiáticos como recursos didáticos em sala de aula. Dizem os pesquisadores Souza, Tamini e Santos (2020):

Ao se abordar as transformações sociais do século XXI, salta à vista de imediato a forte presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação em todos os âmbitos da atividade humana, atuando, simultaneamente, como produtos e produtoras de novas maneiras de comunicar, informar, sentir, aprender, ensinar, pensar, trabalhar e se relacionar, gerando, dessa forma, mudanças culturais na sociedade, ao alterar as práticas relacionais no mundo contemporâneo. (p. 9)

Novos artefatos tecnológicos colocam-se em curso, produtos de um fluxo cultural que se difunde em todas as instâncias da vida humana. Nesse sentido, a equipe do MI começou a pensar e a produzir materiais com a finalidade de continuar interagindo, via meios midiáticos, com crianças, possíveis visitantes na convocatória do “fique em casa”, assim como com outras pessoas interessadas em trocas em atividades museais. Quais recursos midiáticos poderíamos utilizar a fim de facilitar ações interativas com os visitantes do MI? Que ações colocaríamos em

cena o MI na perspectiva de interagir com diferentes públicos e em condições de promover aprendizagem?

O começo brincante

Ao pensar no futuro que se vislumbra, tendo em vista a pandemia que se prolonga e desacomoda as pessoas dos lugares e espaços habituais, entre as atividades que são próprias para a manutenção do MI, coube também pensar, planejar e interagir com o público por meio de atividades educativas virtuais. Para tanto, a equipe iniciou com a ideia de criar brincadeiras relacionadas ao acervo do Museu da Infância para as crianças brincarem nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*.

Começou-se elaborando vídeos. Em um deles, uma das mediadoras⁵ filmou-se jogando Amarelinha junto com a sua mãe: elas mostraram como desenhar com giz de quadro-negro o traçado no chão, expuseram ao vivo como se brinca e referiram-se às regras, incluindo os acertos e o que se deve evitar para ganhar no jogo. Outra mediadora⁶ elaborou uma edição de mais uma brincadeira. Ela e sua vizinha fizeram um vídeo sobre o jogo das Cinco Marias: ensinaram a fazer passo a passo as peças do brinquedo e depois mostraram como brincar. Esse vídeo também foi postado nas redes sociais do museu⁷.

Alternando-se entre mediadoras, Bárbara conversou com a equipe para pensarem e elaborarem outros jogos, a fim de serem brincados na tela. Entre eles foi editado o Jogo das Sete Diferenças (mais conhecido como Jogo dos Sete Erros), a partir da ideia de buscarem peças do acervo. Indo ao encontro da temática Inclusão Social, da 18.^a Semana Nacional de Museus de 2020, a mediadora pensou e executou a atividade a partir de uma boneca negra chamada Doutora Brinquedos. Para essa brincadeira, desenhou com ferramentas de ilustração digital a imagem da mencionada personagem do acervo do MI.

A mediadora Camila planejou outra brincadeira: elaborou virtualmente uma imagem de labirinto no qual, na margem esquerda, no alto, foi colocada a fotografia de uma boneca negra, sugerindo que ela encontre o desenho de uma chupeta, localizado na margem inferior, à direita. Para organizar essa atividade, a mediadora buscou no acervo virtual do Museu da Infância a fotografia de uma boneca de plástico negra, portando um vestido rosa de crochê, objeto inventariado com o título de A Boneca Negra com Vestidinho Rosa.

⁵ Bárbara Sonai Mendes.

⁶ Camila Villasuso.

⁷ As redes sociais do Museu da Infância encontram-se nos seguintes endereços: [instagram.com/infanciaunesec](https://www.instagram.com/infanciaunesec) e [facebook.com/museuinfanciaunesec](https://www.facebook.com/museuinfanciaunesec).

Pautando-se em um exercício visto na internet que mostra vários personagens aleatórios e em que os observadores precisam adivinhar o título dos filmes, a equipe decidiu fazer uma atividade semelhante com ilustrações de capas dos filmes infantis pertencentes ao acervo do MI. Escolheram e fotografaram dez capas de filmes em DVDs e elaboraram uma imagem em ilustração digital das personagens mais conhecidas pelas crianças que costumam entrar nas redes do MI. O objetivo era que os pequenos se divertissem tentando identificar o título das películas.

Outra proposta educativa surgiu a partir do pedido da professora Juliana Pereira Guimarães, docente de Artes do Colégio UNESC, que frequentemente acompanha as atividades educativas do Museu da Infância. Ela sugeriu que se fizesse uma mediação virtual para uma de suas turmas de alunos. A classe escolhida pela professora foi o 2.º ano do Ensino Fundamental, com dezoito estudantes com idades em torno de seis anos. Assim, cientes da situação de que as crianças também estavam em convívio restrito, a equipe perguntou-se: é possível realizar mediações virtuais em tempos de isolamento social?

Mediação virtual com crianças

A internet é produto e produtora de cultura educacional, tanto para o melhor, como, também, muitas vezes se distancia dos objetivos emancipatórios de formação humana. Pesquisadores alertam que:

[...] as tecnologias, enquanto produtos e produtoras da cultura, não podem ser dela dissociadas. Isso requer que os inúmeros conteúdos, atitudes, sentimentos, ideias e informações que circulam no ambiente virtual sejam analisados sob uma perspectiva crítica, tendo em vista que não espelham o real, mas são recortes interpretativos, subjetiva, cultural e historicamente construídos. (SOUZA; TAMANINI; SANTOS, 2020, p. 5)

A par das imbricadas críticas a respeito das tecnologias midiáticas, as quais poderiam facilitar a interação com crianças no momento restritivo de Covid-19, mas, também, dificultar a comunicação com e entre crianças, obstruindo a desenvoltura de suas potencialidades, o Museu da Infância tentou situar-se nesse contexto emergente. Entre o planejar atividades que sugerem jogos, brincadeiras e exercícios com atividades artísticas, a equipe pôs-se a pensar na possibilidade de interagir em uma mediação por meio de uma conversa utilizando o *Google Meet*.

Para tanto, as mediadoras, acompanhadas da gestora do MI, puseram-se a planejar para compreender como realizar a mediação virtual com estudantes do Ensino Fundamental. A fim

de conduzir a conversação, houve previamente a elaboração de um recurso para auxiliar na interação com as crianças. Camila, uma das mediadoras, elaborou *slides* com imagens dos quatro núcleos do museu: 1/4 – O Brinquedo e a Rua; 2/4 – Infância e Paz; 3/4 – Infância na Arte (com suas exposições distribuídas em espaços abertos da UNESCO); e 4/4 – Escritório e Acervo (localizado em uma sala).

Marcado o dia e o horário, a equipe se colocou a postos. A experiência de abrir a tela do computador e inserir o *link* que conduziria à mediação com as crianças da professora Juliana Pereira Guimarães colocou os corações das mediadoras em expectativa. Todas estavam em espera, um pouco ansiosas, pois interiormente perguntavam-se: como é mostrar, para todos acompanharem, a apresentação de *slides* elaborada com imagens de peças do acervo, fotografias de atividades já realizadas e de outras novas atividades do Museu da Infância? Ocorreria interação entre mediadoras e crianças?

No período vespertino de 10 de junho de 2020, aos poucos via-se a tela carregar, mostrando a professora Juliana e sua assessora Marina⁸, do Colégio UNESCO, abrindo a sala virtual, cada qual tomando o posto de suas funções para facilitar a mediação virtual. As crianças, com suas singularidades, nos espaços de estudo de seus lares, iam entrando aos poucos. As mediadoras do MI, do mesmo modo de suas casas, se apresentaram para a conversação virtual⁹. Assim deu-se o início:

Professora Juliana: Entrou a Carla, o Valentim... Boa tarde, José!

José: Boa tarde!

Professora Juliana: Que desenho é esse, Danilo?

Valentim: Ô, profê, o Museu da Infância está aqui!

Professora Juliana: Sim, o MI está aqui.

Mediadora Bárbara (*ao ver que Danilo estava mostrando um desenho feito a lápis de cor preta em uma folha de papel branco*): É um castelo?

Professora Juliana: A Isadora chegou!

Danilo: Não... É um desenho que eu fiz: um avião e um robô gigante.

Mediadora Bárbara (*ouve-se e se "vê" a graça da mediadora que fez a pergunta com o seu riso*): He... he... he...

⁸ O Museu da Infância agradece sobremaneira a colaboração da professora Juliana Pereira Guimarães, assim como de sua assessora Marina Barbosa Alano, em permitir que a mediação fosse gravada e posteriormente fossem utilizadas as informações obtidas durante a mediação para a construção deste artigo.

⁹ Os diálogos ocorreram por meio da mediação virtual possibilitada pelo serviço de comunicação *Google Meet*. A mediação foi gravada e posteriormente transcrita pelas mediadoras. Estas também se utilizaram do bloco de notas para registrar ocorrências que chamaram a atenção no decorrer da interlocução com as crianças. A fim de preservar a identidade das crianças, os nomes verdadeiros dos alunos foram substituídos por nomes fictícios.

Professora Juliana: Cadê a Irene? Boa tarde, Maria Eduarda! Boa Tarde, Camila! *(para a entrada de outra mediadora do Museu da Infância)* A Irene Fernandes não entrou, não é?

Estelita *(cumprimenta a colega de aula)*: Oi, Maria Eduarda!

Assessora Marina: Não vi, profê!

Professora Juliana: Entrou, mas saiu! Vou olhar no celular, pois, às vezes, enviam mensagem de que não conseguem entrar. Oi, Irene Fernandes, boa tarde! Fernando entrou!

Mediadora Bárbara *(dirigindo-se a alguém da equipe do MI)*: Está fazendo ruído no seu celular!

Professora Juliana *(dirigindo-se à assessora)*: O Evandro não precisa de autorização para entrar, não é?

As falas da turma se mesclam e se interpõem. A professora dá a direção: “Acho que a gente vai começando e os outros vão entrando”. Vemos assim o início da dinâmica do processo para a mediação virtual. Percebeu-se que as crianças, de suas casas, na espontaneidade e na alegria de fazer parte da aula de Artes, vão entrando e dirigindo-se à professora com os seus interesses particulares. Apreende-se, nesse sentido, a atenção e o olhar da professora para receber e agregar a todos na gerência da mediação. E vem a pergunta: que experiência está obtendo a professora Juliana ao ter que, de um momento para o outro, ministrar aulas de Artes para crianças pela internet? Psicologicamente, o que lhe custa manter a atenção em todas as crianças da turma que aparecem na tela do dispositivo da casa delas? O que significa ministrar aulas para as crianças tendo os pais meio por perto?

Responder a essas perguntas demanda pesquisa, pois ministrar aulas remotas em tempo de pandemia é algo muito recente. No entanto, há estudos sendo realizados e, ainda que não estejam concluídos, pois se juntam a outros relacionados à saúde dos professores em tempo de “normalidade”, inclinam-se a concordar com Jefferson Peixoto:

[...] parece que o sofrimento tende a ser muito profundo, tanto por se tratar de uma profissão enxergada geralmente como uma missão, como também porque há todo esse esforço de um trabalho quase invisível realizado antes e depois da jornada formal [...]. (PEIXOTO, 2020b, p. 6)

Ainda que se reconheça que a profissão dos professores mantenha resquícios da carga cultural vinda dos tempos do Brasil Colônia, da educação como uma atividade missionária, ou seja, um trabalho abnegado de dedicação ao ato de ensinar pessoas a se escolarizarem, não importando a devida retribuição em termos financeiros, pressupõe-se uma demanda de mais trabalho para os professores durante a pandemia, mesmo que atualmente a remuneração salarial seja diferente dos tempos coloniais brasileiros. Devido à necessidade de organizar as aulas remotas como a que se vivenciou enquanto mediadoras, ainda que o planejamento para tal

atividade tenha sido compartilhado com o MI, imagina-se o quanto foi exigido do tempo extracurricular por parte da docente envolvida no projeto. Para tal afirmação, nos pautamos no estudo de Peixoto, que escreve:

Do modo abrupto como a pandemia de Covid-19 chegou e se impôs, diversas atividades de trabalho tiveram de ser transferidas para casa de uma hora para outra, sem o devido preparo [...]. [E]ssa transição abrupta devido à pandemia não se deu nas melhores condições, até mesmo porque além da falta de tempo e de condições para o devido preparo, junto com a mudança veio toda a tensão causada pelo próprio medo do contágio. (PEIXOTO, 2020a, p. 2)

Deduz-se, assim, que o trabalho de preparação das aulas foi acentuado ao ser aliado à docência *home office*. Não se trata apenas de planejar as atividades a serem desenvolvidas na sala de aula, mas dar aula a partir da própria casa, ainda que para isso se tenha recebido suporte da escola. “Os tempos de sala de aula e de trabalho em casa foram repentinamente conjugados e o ônus de sua operacionalização atribuídos ao professor. Tendo ou não os recursos necessários, o comando estava claro: dê aula à distância.” (PEIXOTO, 2020a, p. 4).

Reconhecendo-se no diálogo com o outro

A professora Juliana Pereira Guimarães, em meio às respostas para as crianças que queriam contar coisas e conversar, deu a palavra para a gestora do MI. Esta cumprimentou a todos dando, principalmente, as boas-vindas para as crianças. Falou de sua alegria em trabalhar nesse espaço, pois há brinquedos e brincadeiras que lhe remetem à própria infância. Recebeu-as para a mediação e as convidou a visitar o museu: “Oi, crianças! Boa tarde! Eu sou a professora Lenita¹⁰ e a gente está muito feliz em recebê-las no Museu da Infância [...]”.

Na sequência a mediadora Bárbara Sonai Mendes se apresentou às crianças e passou a palavra à mediadora Camila Villasuso, que iniciou dizendo ser estudante intercambista vinda da Argentina. Declarou que esperava que as crianças a entendessem, mesmo com o seu sotaque. Iniciou ajeitando os *slides* na tela. De pronto, Valentim se manifestou: “Oi, profê! Eu vou entender porque só assisto jogo de tênis argentino [...] vou conseguir entender”. A conversa passou a girar em torno do entendimento da língua espanhola e Gabriel se expressou: “Eu também falo um pouquinho de espanhol”. Outra criança contou que os tios estavam na Itália. E assim um diálogo amigável se estabeleceu entre crianças, mediadoras e professora sobre a comunicação possibilitada por diferentes línguas.

¹⁰ Amalhene Baesso Reddig.

Viu-se aparecer na tela uma imagem mostrando a página de abertura do *site* antigo do Museu da Infância, uma representação colorida e adaptada a partir da pintura O Beijo, de Gustav Klimt, juntamente com outras imagens de fotografias de desenhos de crianças. Ao lado dessa ilustração, há um arabesco acima do nome Museu da Infância, logomarca que o identifica desde a sua fundação.

A palavra foi passada para a outra mediadora e o *slide* avançou mostrando como o MI é organizado. Ao serem mostradas imagens de brinquedos, as crianças foram convidadas a expor suas ideias oralmente para falar de peças que já conheciam (pois algumas delas, em anos anteriores, já visitaram esse museu). Veio à tona a palavra “acervo”. Com a ajuda da professora, uma elucidação foi feita: um lugar em que estão guardados os objetos e peças que o MI foi ganhando e comprando.

Seguindo o desenrolar do *slide*, viu-se o mapa da localização do Núcleo 1/4 – O Brinquedo e a Rua, que está no *hall* do Bloco da Reitoria da UNESCO. No diálogo entre professora e crianças, esse espaço do MI foi lembrado por ficar perto da Biblioteca Central. Uma criança manifestou-se: “Eu lembro quando fui caçar o tesouro de moedas de chocolate”; outra criança: “Eu lembro que lá tem bola [em exposição]”; uma terceira diz: “Eu lembro das bonequinhas de argila”, referindo-se a peças de uma coleção de miniaturas que remetem a brincadeiras de crianças, baseadas nos originais de Franklin Cascaes, o artista florianopolitano. Ao se acompanhar a conversação entre mediadoras e crianças, infere-se que nessa mediação, ainda que realizada virtualmente, ocorreu, segundo proposição de Salgado (2016b, p. 75), uma “[...] visita dialógica, na qual todas as pessoas que compartilham o percurso da visita [...] entende[m]-se como iguais e sente[m]-se convidadas a falar”. Ou seja, a equipe da mediação do MI, em sua atividade, juntamente com as crianças, posicionaram-se em situação de aprendizagem, obtendo:

[...] experiência como aprendizes que, em comunidade: descobrem, explicam e analisam cada experiência a partir das condições espaciais, temporais e históricas que sejam convocadas no momento educativo. Suas ações implícitas ou explícitas negam qualquer postura neutra e imparcial no fundamental reconhecimento dialógico com o outro. (CEVALLOS; MACAROFF, 2015, p. 212 apud SALGADO, 2016b, p. 75-76).

Com o avançar do *slide*, apareceram na tela imagens fotográficas de crianças brincando no Núcleo 1/4 e o diálogo com a turma continuou com a ajuda de uma mediadora: entrar na barraca em exposição, brincar de perna-de-pau, saltar no jogo da Amarelinha traçado no chão, experimentar a brincadeira com pés-de-lata. A experiência de brincar de barraca rendeu conversação. Várias crianças têm essa vivência com suas famílias, e a professora completou:

“Até eu brinquei de barraca!”. A mediadora que estava interagindo concluiu a respeito da composição do Núcleo O Brinquedo e a Rua: entreter-se com brinquedos de rua do espaço 1/4 do MI.

Na sequência da mediação *online* via-se no *slide* o mapa da localização do Núcleo Infância e Paz. O espaço 2/4, localizado no Bloco XXI C da UNESC, abriga exposições que remetem aos direitos da criança como cidadã. Esse núcleo do MI mostra e organiza atividades tendo como foco o interagir, o brincar e o bem-viver de crianças pertencentes aos mais diversos seguimentos socioculturais.

No *slide* foi mostrada a fotografia de crianças visitando a exposição Boi de Mamão, brincadeira dançante que incluía peças de argila esculpidas por crianças. Ouviu-se a intervenção de uma criança da mediação: “Profe, eu conheço essas crianças!”. Perguntou a professora Juliana: “Quem são essas crianças? ”. E Valentim verbalizou: “São do 3.º ano”. “Isso mesmo, eram do 2.º no ano passado”, confirmou a professora. A conversa se animou, pois, meninas e meninos lembraram que têm amigos no 3.º ano de 2020 do Colégio UNESC. Embarçaram-se um pouco se esquecendo dos nomes de amigos, pois o semestre havia apenas iniciado quando as aulas foram interrompidas.

Na sequência do *slide* viu-se a imagem de outra fotografia de crianças visitando a exposição e a professora indagou: “Quem se lembra dos direitos da criança? ” E os pequenos responderam: “Estudar”, “Ter um nome”, “Brincar”, “Comer”, “Ter uma família”, “Ter um lar”, “Ter avós”. Outras imagens de fotografias apareceram e uma síntese dos direitos das crianças foi feita na conversa entre professora, crianças e mediadoras, chegando à conclusão de que crianças, nas diversas idades e em suas múltiplas infâncias, têm direito a viver com dignidade.

As imagens do *slide* prosseguiram e viu-se em evidência a localização do Núcleo 3/4 – Infância na Arte, no Bloco P. A professora interrogou: “Eu quero ver se vocês sabem ler mapas. Já passamos pelo que está pintado em verde, fomos onde está colorido com vermelho, e agora? ” A seta indicava a localização do Núcleo 3/4 no mapa do *slide*. A mediadora Bárbara, que estava conduzindo a conversa, continuou: “O Infância na Arte mostra um pouco do Cândido Portinari, que chamamos de Candinho. Ele foi uma criança que olhava outras crianças brincando, desenhava a partir dessa observação e presenteava outras crianças com seus desenhos”.

No espaço 3/4 do MI, numa parede do térreo do Bloco P, estão expostas algumas reproduções das obras de Cândido Portinari sobre brinquedos e brincadeiras: Crianças Brincando (1937), Cambalhota (1958), Futebol (1958), Pulando Carniça (1959), Meninos Brincando (1955), Meninos no Balanço (1960) e Meninos Brincando (1958)¹¹. Essas reproduções representam brincadeiras do próprio artista quando menino em sua cidade natal, Brodósqui-SP. Prosseguiu a mediadora Bárbara: “Eu li um livro a respeito dele muito interessante que tem no acervo do MI. É da coleção Crianças Famosas: Portinari (1997), escrito por Nadine Trzmielina e ilustrado por Angelo Bonito”. Prosseguiu a mesma mediadora: “Nesse núcleo há quadros que mostram crianças brincando, há cachorros [o *slide* foca na imagem de crianças observando uma das reproduções], há livros sobre o pintor e também têm desenhos de crianças que visitaram a exposição, observaram as pinturas e fizeram seus desenhos”.

A professora Juliana perguntou à sua turma: “Quem é que tem o livro do Cândido Portinari nessa sala?” Valentim respondeu: “A Maria Luísa!”. “Quem mais?” E os nomes das crianças vieram à tona: Luís Mário, Elena e outros. As falas se sobrepuseram e Valentim falou, sem completar a frase: “Quase todos têm porque a profe...” Elena buscou seu livro e o mostrou na tela. A professora propôs que essa turma também venha a desenhar e expor seus desenhos no MI quando vier a fazer uma visita presencial a ele. José Vinícius mostrou o desenho com um gato, um cachorro e três passarinhos que foi esboçando enquanto a conversa prosseguia entre mediadoras, crianças e professora.

A conversação realizada com os pequenos incitou-nos a pensar sobre o que significa mediar. Com o auxílio de definições já elaboradas, fomos conjecturando. Em Mirian Celeste Martins (apud SALGADO, 2016a) encontramos que mediar é estar juntos entre muitos. A mesma educadora e autora afirma:

[...] cada vez mais penso a mediação como um “estar entre muitos”, superando a situação dual da mediação compreendida como ponte. “Estar entre muitos” implica perceber cada um que trazemos ao museu, seja nossos alunos, amigos ou familiares. Ouvir os desejos por melhor apreciar determinados objetos, obras ou conceitos, abrir um espaço de silêncio para que as sensações pessoais possam ser percebidas, provocar a rica troca entre os olhares e saberes de cada um pode ampliar o contato com a arte. (MARTINS, 2010, p. 119-120 apud SALGADO, 2016a, p. 70)

E também nos perguntamos: podemos perceber um processo que se encaminha para que as crianças se reconheçam obtendo mais informações em relação ao MI? Dito de outra forma:

¹¹ Reproduções de pinturas do artista Cândido Portinari selecionadas pela equipe do Museu da Infância e autorizadas pelo Projeto Portinari.

se evidenciou um conhecimento sendo constituído nas conversas entre mediadoras do MI e as crianças da professora Juliana? É um saber significativo para todos os envolvidos? Podemos depreender, ao observarmos a mediação gravada, que houve crianças que se manifestaram mais e outras menos. Em algum momento notamos falas que se sobrepuseram, pois várias delas queriam falar, contar, dizer o que sabiam a respeito das atividades experienciadas no Museu da Infância.

Ao refletirmos sobre as falas das crianças, construídas a partir do que elas já conheciam e intermediadas pela apresentação das imagens, é possível entender que as informações se ampliaram e, talvez, possamos deduzir que nessa interação existiu alguma aprendizagem. Houve certa incorporação mais ampliada de reconhecimento do significado dos objetos expostos, em intercâmbio com a proposta das diversas exposições observadas nos *slides*. Para as crianças, estar em diálogo com as pessoas que estiveram representando o MI pode ter possibilitado uma nova experiência na revisitação do MI.

O espaço individual da casa como limite de sentido que cada criança emite de si

A leitura de alguns textos realizada pela equipe do MI a respeito de ter aulas em casa e a aprendizagem obtida pelas crianças do 2.º ano do Colégio UNESC colocou-nos numa posição ainda prematura para uma afirmação mais bem fundamentada. Do espaço das casas de cada mediadora não era possível acompanhar as crianças que não se manifestaram nos espaços de estudo de suas famílias. Reconhecemos os limites que a medição virtual remota confere, pois ainda não houve a possibilidade da realização de uma pesquisa mais aprofundada. Refletimos com o que nos alerta Christian Dunker:

Relações de reconhecimento envolvem tanto a maneira como somos lidos e posicionados pelo aparato escolar, de natureza institucional, quanto a forma como somos reconhecidos no interior da escola como comunidade. Reconhecer envolve tanto os meios que me ligam ao outro, a linguagem, os discursos e sua história, quanto os agentes e ainda os atos de reconhecimento que gradualmente sedimentam as regras pelas quais produzimos valor e sentido. (DUNKER, 2020, p. 4)

Ainda que durante a mediação do MI mentalmente tenhamos conseguido nos transportar para a sala de aula virtual conduzida pela professora Juliana junto à Mariana (sua assessora), ver e ouvir os pequenos e nos acompanhar umas às outras enquanto mediadoras, o espaço individual em que estávamos em nossas casas não nos permitiu apreciar amplamente “o valor e o sentido” que cada criança emitiu de si para com o outro na conversação sobre as atividades educativas desenvolvidas pelo MI. Dunker (2020, p. 4) continua: “A experiência de ensino

online corrompe seriamente esta [...] dimensão da escola e sobrevaloriza a dimensão de conhecimento como uma experiência profundamente individual”.

Observar o corpo de cada criança, o que vai além da voz, com todas as suas nuances expressivas, sejam elas de contentamento, de gratificação, de esparramar-se, de alegria ou de contenção, de aquietar-se ou mesmo de constranger-se fica limitado, pois não se esteve presencialmente no espaço da sala de aula construída materialmente, o que impede de observá-las enquanto corpos concretos, ocupando um espaço físico.

Na continuidade da observação do *slide* via-se a localização do 4/4 no Bloco Z, da UNESCO, o Núcleo Escritório e Acervo. Abriu-se com imagens fotografadas de pessoas da equipe do MI e de brinquedos. Uma das mediadoras perguntou: “Ana Maria¹² está segurando uma bonequinha. Que boneca é essa? Está com uma touca na cabeça. Quem é ela?” As crianças puseram-se a emitir opiniões. Chapeuzinho Vermelho veio à baila. E com a ajuda da mediadora Camila, o nome e a pronúncia em espanhol foram evidenciados: “*Caperucita Roja*”. Essa boneca veio morar junto com os outros brinquedos no MI em 2013. Antes, habitava uma loja de antiguidades em Montevideu, no Uruguai. Pela textura e cor da boneca percebeu-se que a peça foi bastante manuseada. Suas roupas estão bastante velhas e puídas: disso depreendemos que crianças brincaram intensamente com essa *Caperucita Roja*. Nesse meio tempo, Danilo verbalizou para a professora que estava desenhando o que estava sendo visto e conversado.

A mediadora Bárbara continuou: “Esse é o nosso escritório, onde a gente marca a data das mediações e também onde guardamos os materiais e objetos do acervo. Nele separamos e guardamos as peças nas caixas azuis” — uma imagem fotográfica das caixas no MI aparece no *slide*. Na sequência viu-se a imagem de uma fotografia de Lenita, a gestora do MI, e de Camila, uma das mediadoras. Esta verbalizou: “Essa foto é de pouco tempo, da época de isolamento. A gente vai para o escritório com todas as medidas de segurança, de máscara, se cuidando muito, mas vamos trabalhar um pouco lá também”.

Em seguida viu-se outra imagem de fotografia das mediadoras e da gestora do MI, usando máscaras, em área aberta da UNESCO. E, também, imagens de outros brinquedos do acervo. A professora Juliana pediu para a mediadora Camila dizer o nome em espanhol de alguns brinquedos: bambolê – *aro ula-ula*; cinco marias – *payana*; bolinhas de gude – *bolitas*; bola – *pelota*; cavalinho-de-pau – *caballito de madera*; bilboquê – *balero*; corda de pular – *soga para saltar*. Enquanto os nomes em português e em espanhol estavam sendo pronunciados,

¹² Ana Maria Cambuzzi, colaboradora e voluntária no Museu da Infância.

Valentim pegou seu joguinho de Cinco Marias e o mostrou na tela. Pelo diálogo que se efetivou, percebeu-se que quase todas as crianças têm esse jogo, pois no ano anterior o construíram, com a orientação da professora que estava com a turma.

O *slide* continuou rolando e observaram-se imagens fotografadas de outros brinquedos do acervo do MI: Cavalinho de Madeira com seu Cavaleiro Confeccionado em Papel Machê; Bonequinha de Plástico com seu Vestido Rosa; Avó da Chapeuzinho Vermelho Confeccionada em Pano e Óculos de Aro; e o Trenzinho de Madeira.

“Vamos brincar!” – é possível para todas as crianças na mediação virtual?

Em seguida, o *slide* abriu-se para: “Vamos brincar!”

A orientação foi encontrar as sete diferenças na Doutora Brinquedo. Apareceram as gravuras de duas bonecas e em uma delas havia diferenças, que foram encontradas com a ajuda das crianças: a tiara sem o laço, o quadro sem a imagem do ônibus escolar, o dragão sem uma asa, os óculos sem uma haste, o boneco de neve sem o cachecol, a maleta sem a inscrição médica e a falta de uma trança na boneca doutora. Enquanto as diferenças eram nomeadas pelas crianças, Isadora se pôs a chorar e saiu da tela virtual.

Outra brincadeira: uma bonequinha de porcelana preta e vestido rosa aparece em imagem fotográfica no lado esquerdo do traçado de um labirinto. As crianças foram convidadas a “entrarem” no labirinto a fim de chegarem à chupeta que aparece ao final, no outro extremo do desenho. Algumas crianças rapidamente “entraram” e chegaram ao final da brincadeira; outras, mais devagar, também chegaram.

Na terceira brincadeira há imagens de cartazes de filmes de DVDs do MI. Através das diversas imagens, as crianças, umas antecipando-se e outras se retrocedendo nas falas, adivinharam e/ou lembraram e chegaram ao título das películas. O gorila com o bebê é “Monstros S/A”. Sobre a imagem do cartaz em que aparecem porquinhos, disseram “Os Três Porquinhos”, chute com o qual acertaram. A respeito de um cartaz com uma imagem um pouco enigmática, titubearam e pensaram que se referia ao filme “Branca de Neve”, mas erraram. Ao final, as chegaram ao título certo: “Os 101 Dálmatas”. Prosseguiram enunciando: “Tarzan”, “Mônica”, “O Pequeno Príncipe”, “O Tigrão” e “Uma Noite no Museu”. Algumas ainda falaram sobre outros filmes que já assistiram e outras se reportaram a filmes que ainda não viram.

O *slide* terminou com a pergunta: “Qual é a sua brincadeira preferida?”

E a professora pediu às crianças que lhe enviassem os desenhos que esboçaram durante a uma hora de encontro.

Ao final da audição da aula mediada, colocamo-nos alguns questionamentos que podem ser decorrentes da situação de participar da aula virtual, cada qual do espaço de sua casa: houve crianças que se projetaram verbalmente e com o próprio corpo, sentindo-se à vontade. Essa evidência corroborou para que algumas outras se restringissem e falassem pouco? Algumas crianças se manifestaram pouquíssimo. É próprio da natureza delas? Ou o ambiente virtual as deixou contidas? Uma criança chorou durante a mediação. Por que ela chorou? Um coleguinha perguntou-lhe diretamente por que estava chorando, mas não obteve resposta.

Para essas perguntas pode-se ousar buscar respostas; contudo, é prematuro encontrar um significado condizente com a realidade. Tivemos escasso contato com essas crianças e ainda sabemos pouco da natureza do que é ficar em casa, ter aulas remotas, aprender e interagir nessas circunstâncias. Ousamos apenas dizer que, se queremos aprender com a experiência de realizar algumas atividades para e com crianças por meio de dispositivos midiáticos, é preciso levar em conta o que dizem as crianças, o que dizem os pais das crianças e o que dizem os professores confinados em atividades remotas. A Covid-19 e tudo o que se gerou e foi provocado em torno dela é um episódio local e global. Pensar o futuro museológico e educativo requer a memória das pessoas que viveram e passaram por esse inesperado episódio. Nas palavras de Luiz Roberto Alves (2020, p. 1-2): “O breque de 2020 ensinou que não é na abstração global e nem nas plataformas virtuais que se educa (talvez se informe...), mas nas comunidades educadoras que pensam e agem a favor de sua gente e da gente do mundo.”

Possibilidades da reinvenção do “ficar em casa” como um lugar aprazível de aprendizagem

A professora e pesquisadora Solange de Fátima Gabre, por meio de seus estudos e pesquisas, formulou que:

Pensar hoje em aprendizagens narrativas é dar voz a todos os sujeitos envolvidos na ação educativa, considerando os contextos, as histórias de vida e as relações que estabelecem com seu meio na construção de saberes. Neste sentido os museus, como espaços também de educação, passam a ser vistos, na contemporaneidade, não apenas como depositários de um patrimônio ou de uma memória que coletam, preservam, estudam e divulgam. O museu é um espaço também de construção de uma ideia de estar no mundo. É, então, um espaço relacional entre os homens e as coisas, um espaço

de experiências, pesquisas e conhecimento. (GABRE, 2011, p. 30 apud SALGADO, 2016a, p. 42)

Embora se mantenham perguntas que nos instiguem a continuar pesquisando os limites que a mediação virtual tem intrínseca a si, a experiência de conversação com as crianças da professora Juliana Pereira Guimarães possibilitou uma noção de que é possível ao Museu da Infância realizar essa atividade experimental de dialogar por meio midiático. Ainda o fazemos precariamente, pois precisamos aprofundar nossos estudos, mas somos instigadas a acreditar nas ações do MI como fagulhas que corroboram na possibilidade de emancipar-se paralelamente ao conhecimento obtido no meio escolar.

Debruçando-nos na leitura do texto *A casa como laboratório do aprender*, de Gustavo Torrezan (2020), podemos inferir que, do espaço de suas casas, cada criança da turma da professora Juliana também esteve na continuidade da construção de um laboratório de experimentação. Como é recorrente para a criança experimentar e envolver-se com coisas diversas, dando-lhe um sentido novo para a sua criação, imaginamos que cada uma delas, com sua particularidade, intermediadas pelo que viram e ouviram sobre o MI, podem ter aprendido novas maneiras de se posicionar. Talvez tenham obtido um novo saber, uma aprendizagem que se acrescente àquilo que antes conheciam: “Pensar a aprendizagem é pensar o modo como inventamos, coletamos e colecionamos, compondo e articulando referências que nos fazem elaborar de modo diferente”, nos diz Torrezan (2020, p. 2). O mesmo autor continua: “Pensar aprendizagem é, nessa oportunidade, pensar o modo como nos colocamos no mundo, e como nos implicamos nele [...]” (p. 2). Ao que agregamos mais uma reflexão:

Construir práticas críticas e inovadoras nesses espaços é igualmente uma maneira de proporcionarmos às crianças o cultivo de sua própria criatividade e apresentar a elas meios de desenvolver sua expressão individual, questão fundamental em uma sociedade em que os modelos prontos se repetem à exaustão. Ainda, o museu também se caracteriza como um espaço ligado ao lazer, onde as pessoas podem estar juntas para simplesmente compartilhar momentos – o que não o esvazia de sua potência política. (SALGADO, 2016b, p. 89)

Ainda que as ações do Museu da Infância estejam sendo realizadas por meios midiáticos, sem termos um conhecimento acabado do que isso significa e implica na aprendizagem das crianças, nossa tendência é acreditar na potencialidade de cada uma delas como ser humano em processo de formação. Dada a experiência que vivenciamos juntos (as crianças do 2.º ano, em diálogo com a professora e nós, mediadoras), ainda que em um espaço curto de tempo, interagimos, pensamos e refletimos no coletivo diante de imagens, memórias e compartilhamentos, com o quais tivemos a possibilidade de adquirirmos habilidades para

apreendermos e verbalizarmos noções mais aprofundadas de espírito artístico e humanístico diante do que está musealizado. A nós, mediadoras que interagimos com crianças, cabe certa autocrítica a fim de não só consumir os modelos brincantes prontos; mas, como pessoas capazes de agir no mundo com as próprias indagações, criar individual e/ou coletivamente práticas de interação reinventadas, por vezes dolorosas, mas também aprazíveis de aprendizagens entre pessoas, no intercâmbio com objetos e peças musealizadas, incluindo não só a visita presencial nos museus, mas também a observação virtual de imagens e conversação.

Referências:

ALVES, Luiz Roberto. Educação curricular pós-pandemia. **A terra é redonda: eppur si muove...**, [S.l.], 20 set. 2020. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/educacao-curricular-pos-pandemia/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=educacao-curricular-pos-pandemia&utm_term=2020-09-21. Acesso em: 2 out. 2020.

BORGES, Stephanie. Nosso apocalipse zumbi. **Serrote**: em quarentena, São Paulo, jul. 2020. Edição Especial, p. 89-99. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2020/07/serrote-especial-em-quarentena.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CECHINEL, André. O império das *fakenews*. In: _____. **Literatura, ensino e formação em tempos de Teoria (com “T” maiúsculo)**. Curitiba: Appris, 2020. p. 53-70.

DUNKER, Christian. Quais são os impactos psíquicos das aulas online nos alunos e professores. **Blog do Dunker**, 24 jul. 2020. Disponível em: <http://blogdodunker.blogosfera.uol.com.br/2020/07/24/quais-sao-os-impactos-psiquicos-das-aulas-online-nos-alunos-e-professores/>. Acesso em: 4 set. 2020.

PEIXOTO, Jefferson. Covid-19 e relação trabalho-saúde dos professores (3). **Passa Palavra**, 9 out. 2020a. Disponível em: <https://passapalavra.info/2020/10/134556/>. Acesso em: 4 fev. 2021.

PEIXOTO, Jefferson. Covid-19 e relação trabalho-saúde dos professores (2). **Passa Palavra**, 2 out. 2020b. Disponível em: <https://passapalavra.info/2020/10/134474/>. Acesso em: 4 out. 2020.

RODRIGUES, Carla. Os fins do luto. **Serrote**: em quarentena, São Paulo, jul. 2020. Edição especial, p. 132-148. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2020/07/serrote-especial-em-quarentena.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

SALGADO, Ariane Alfonso Azambuja de Oliveira. **Educadores, formação e processos de mediação**: crianças pequenas e arte contemporânea no museu. 2016a. 103 f. Trabalho de

conclusão de curso (Graduação em Artes Visuais). Faculdade de Artes do Paraná – UNESPAR, Curitiba, 2016a.

SALGADO, Ariane Alfonso Azambuja de Oliveira. Formação de educadores de museu: processos de mediação para crianças pequenas no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). **Revista Científica de Artes**, n. 1, v. 14, p. 72-90, jan./jun. 2016b. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1432.pdf>. Acesso em: 9 set. 2020.

SOUZA, Maria do Socorro; TAMANINI, Paulo Augusto; SANTOS, Jean Mac Colle Tavares. Cultura digital: tecnologias, escola e novas práticas educativas. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 22, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4708>. Acesso em: 12 set. 2020.

TORREZAN, Gustavo. A casa como laboratório do aprender. **Glac Edições**, São Paulo, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://www.glacedicoes.com/post/a-casa-como-laborat%C3%B3rio-do-aprender-gustavo-torrezan>. Acesso em: 13 set. 2020.

TRZMIELINA, Nadine. **Crianças famosas**: Portinari. Ilustrações de Ângelo Bonito. São Paulo: Callis, 1997. 24 p.